

Fabiano José da Silva
Boulhosa

Renato da Costa
Teixeira

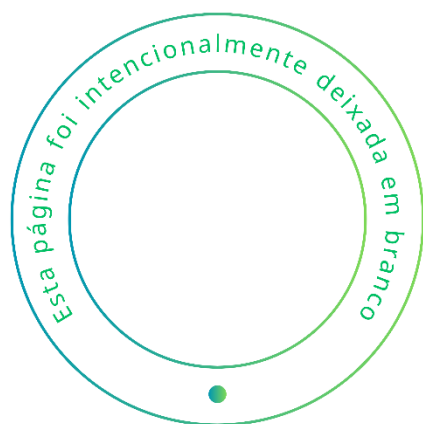
GUIA **DOCENTE** PARA ADAPTAÇÃO DA **AVALIAÇÃO** POR **COMPETÊNCIAS** **NO ESTÁGIO** EM FISIOTERAPIA

Personalização com justiça, ética e inclusão



GUIA **DOCENTE PARA ADAPTAÇÃO DA **AVALIAÇÃO** POR **COMPETÊNCIAS** **NO ESTÁGIO** EM FISIOTERAPIA**

Personalização com justiça, ética e inclusão



Fabiano José da Silva **Boulhosa**
Renato da Costa **Teixeira**

GUIA **DOCENTE** PARA ADAPTAÇÃO DA **AVALIAÇÃO** POR **COMPETÊNCIAS** **NO ESTÁGIO** EM FISIOTERAPIA

Personalização com justiça, ética e inclusão



Nota

A medicina, em sua essência, é um campo em perpétua transformação. O conhecimento em ciências da saúde, impulsionado por novas pesquisas e pela experiência clínica em constante expansão, está sujeito a revisões e atualizações frequentes. As informações contidas neste livro, embora baseadas em fontes confiáveis e refletindo o estado da arte no momento da publicação, podem ser suplantadas por novos achados científicos ou por mudanças nas práticas clínicas. Diante da natureza dinâmica das ciências da saúde, o leitor assume um papel indispensável na busca pelo conhecimento atualizado e seguro. A consulta a outras fontes confiáveis, como periódicos científicos indexados e diretrizes clínicas, é fundamental para complementar e confirmar as informações aqui apresentadas. As ciências da saúde, em constante evolução, exigem do leitor uma postura ativa e crítica na busca pelo conhecimento. A informação médica, embora valiosa, deve ser sempre confrontada com outras fontes e discutida com profissionais de saúde qualificados, que podem fornecer orientação personalizada e segura.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) elaborada por Editora
Neurus – Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

B763g

Boulhosa, Fabiano José da Silva

Guia docente para adaptação da avaliação por competências no estágio em fisioterapia: personalização com justiça, ética e inclusão / Fabiano José da Silva Boulhosa, Renato da Costa Teixeira. – Belém: Neurus, 2025.

Programa de Pós-graduação em Ensino e Saúde na Amazônia,
Universidade do Estado do Pará

Produto educacional em PDF
62 p.

ISBN 978-65-544-6284-6

DOI [10.29327/5550900](https://doi.org/10.29327/5550900)

Link de acesso: <https://doi.org/10.29327/5550900>

1. Fisioterapia. 2. Docência. 3. Produto educacional. I. Boulhosa, Fabiano José da Silva. II. Teixeira, Renato da Costa. III. Título.

CDD 615.82

O conteúdo, os dados, as correções e a confiabilidade são de inteira responsabilidade dos autores.

A Editora Neurus e os respectivos autores desta obra autorizam a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e de pesquisa, desde que citada a fonte. Os conteúdos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Editora Neurus.

Editora Neurus
Belém/PA
2025

Editor-chefe

Tássio Ricardo Martins da Costa

Editores-executivos

Raynara Bandeira da Costa

Editora-técnica

Niceane dos Santos Figueiredo Teixeira

Assistente editorial

Jobson da Mota Fonseca

Bibliotecária

Janaina Ramos

2025 by Grupo Editorial Neurus

Copyright © Grupo Editorial Neurus

Copyright do texto © 2025 Os autores

Copyright da edição © 2025 Grupo Editorial Neurus

Direitos para esta edição cedidos ao

Grupo Editorial Neurus pelos autores e organizadores.

Preparação: Os autores

Revisão: Os autores

Projeto gráfico do miolo: Os autores

Capa: Grupo Neurus

Imagens das capas e do miolo: www.canva.com

A fim de assegurar a qualidade e a confiabilidade do conteúdo publicado, todos os artigos submetidos a esta editora passam por um processo de revisão por pares, realizado por membros do Conselho Editorial. A avaliação é conduzida de forma anônima, garantindo a imparcialidade e o rigor acadêmico.

O Grupo Editorial Neurus preza pela ética e integridade em suas publicações, adotando medidas para prevenir plágio, falsificação de dados e conflitos de interesse. Qualquer suspeita de má conduta científica será rigorosamente investigada, com base em critérios acadêmicos e éticos.

CONSELHO EDITORIAL

Sting Ray Gouveia Moura

Doutor, Universidade Católica de Brasília (UCB). Marabá, Pará, Brasil.

Adriana Letícia dos Santos Gorayeb

Doutora, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

Ana Caroline Guedes Souza Martins

Doutora, Fundação Oswaldo Cruz (INI-FIOCRUZ-RJ). Belém, Pará, Brasil.

Simone Aguiar da Silva Figueira

Doutora, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

Selma Kazumi da Trindade Noguchi

Doutora, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.

Sarah Lais Rocha

Doutora, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Carajás, Pará, Brasil.

Suane Coelho Pinheiro Viana

Mestra, Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, Pará, Brasil.

Anne Caroline Gonçalves Lima	Doutora, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.
Isis Ataíde da Silva	Doutoranda, Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, Pará, Brasil.
Daniel Figueiredo Alves da Silva	Doutor, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.
Elcilane Gomes Silva	Doutora, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.
Alfredo Cardoso Costa	Doutor, Docente na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará, Brasil.
Renata Campos de Sousa Borges	Doutora, Docente na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Tucuruí, Pará, Brasil.
Nathalie Porfirio Mendes	Mestra, Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, Pará, Brasil.
Leopoldo Silva de Moraes	Doutor, Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, Pará, Brasil.
David José Oliveira Tozetto	Doutor, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Coordenador Adjunto do curso de medicina, UEPA. Marabá, Pará, Brasil.
Elisângela Claudia de Medeiros Moreira	Doutora, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil.
Benedito do Carmo Gomes Cantão	Doutorando, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Tucuruí, Pará, Brasil.
Vanessa Costa Alves Galúcio	Doutora, Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Belém, Pará, Brasil.
Ilza Fernanda Barboza Duarte Rodrigues	Doutoranda, Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Alagoas, Brasil.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES



Fabiano José da Silva Boulhosa

Bacharel em Fisioterapia, Centro Universitário do Pará (CESUPA). Especialização em Fisioterapia em Cardiorrespiratória, Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia/SP. Mestrado em Gestão e Saúde na Amazônia, Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA). Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ensino e Saúde na Amazônia, Universidade do Estado do Pará (ESA/EUPA). Pará, Brasil.



Renato da Costa Teixeira

Fisioterapeuta, Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro. Mestrado em Educação com foco em Docência Universitária, Instituto Pedagógico Latino-americano e Caribenho reconhecido pela Universidade do Estado do Pará. Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é professor aposentado como adjunto IV da Universidade do Estado do Pará, atuando no Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde na Amazônia (PPGESA). Atua no Programa de Pós-graduação em Saúde na Amazônia do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Pesquisa em Saúde Funcional e Qualidade de Vida e do Grupo de Pesquisa em Processos Formativos em Saúde na Amazônia. Pará, Brasil.



Soanne Chyara Soares Lira

Bacharel em Fisioterapia, Centro Universitário do Pará (CESUPA). Especialização em Fisioterapia em terapia intensiva, Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestrado em Neurociências e biologia celular, Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ensino e Saúde na Amazônia, Universidade do Estado do Pará (ESA/EUPA). Pará, Brasil.



Rafaela Cordeiro de Macêdo

Bacharel em Fisioterapia, Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Especialização em Fisioterapia Respiratória, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Mestrado em Ensino e Saúde na Amazônia, Universidade do Estado do Pará (ESA/UEPA). Doutoranda em Ensino e Saúde na Amazônia, ESA/UEPA. Pará, Brasil.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Compreender e acolher a diversidade de trajetórias dos estudantes é um dos maiores desafios - e compromissos - da prática docente contemporânea. No contexto do estágio supervisionado em Fisioterapia, onde se cruzam teoria, técnica e atitude profissional, a avaliação não deve ser uma barreira, mas sim uma ponte que promove o desenvolvimento, a inclusão e o aprendizado.

Este guia foi construído com base em princípios éticos, pedagógicos e institucionais para orientar os docentes na adaptação responsável e sensível do Instrumento de Avaliação Discente por Competências.

Ele não propõe flexibilizações arbitrárias, mas sim estratégias coerentes e fundamentadas que garantam que todos os estudantes - inclusive aqueles acompanhados pelo SAE ou que enfrentam desafios pontuais - tenham reais oportunidades de demonstrar suas competências clínicas.

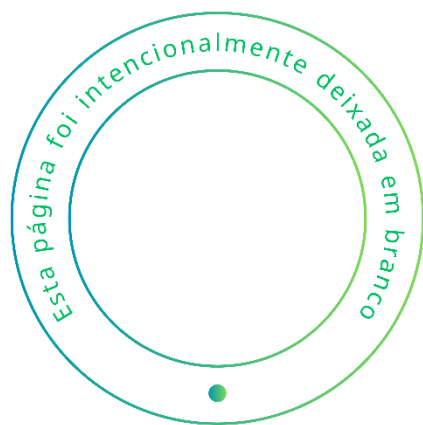
Estruturado em capítulos práticos, o guia aborda:

- Quando e como adaptar a avaliação;
- Estratégias específicas para as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal;
- O que pode e o que não pode ser alterado no instrumento;
- Formas éticas de registro e comunicação com o SAE;
- Exemplos reais de adaptação por perfil discente;
- Modelos de devolutiva e autoavaliação adaptada.

Mais do que um manual técnico, este é um convite ao cuidado pedagógico. Avaliar com justiça é olhar para o estudante com empatia, rigor e responsabilidade. Esperamos que este material fortaleça a cultura avaliativa da nossa instituição e promova práticas mais equitativas, humanizadas e eficazes na formação em Fisioterapia.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	13
ASPECTOS INTRODUTÓRIOS	
CAPÍTULO 2	17
PRINCÍPIOS DA PERSONALIZAÇÃO AVALIATIVA	
CAPÍTULO 3	21
QUANDO ADAPTAR A AVALIAÇÃO	
CAPÍTULO 4	25
ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO POR DIMENSÃO	
CAPÍTULO 5	29
O QUE PODE E O QUE NÃO PODE SER ADAPTADO NO INSTRUMENTO	
CAPÍTULO 6	33
COMUNICAÇÃO COM O SAE E REGISTRO ÉTICO DAS ADAPTAÇÕES	
CAPÍTULO 7	37
EXEMPLOS DE ADAPTAÇÃO POR PERFIL DE ESTUDANTE	
CAPÍTULO 8	43
CHECKLIST DO DOCENTE: COMO SABER SE ESTOU ADAPTANDO COM JUSTIÇA	
CAPÍTULO 9	47
BOAS PRÁTICAS E DICAS RÁPIDAS	
ANEXOS	51
REFERÊNCIAS	57
ÍNDICE REMISSIVO	61



1

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS



➤ POR QUE ADAPTAR A AVALIAÇÃO?

A avaliação do desempenho discente em estágio vai além de atribuir notas: ela é uma ferramenta de **aprendizagem, inclusão e desenvolvimento profissional**. No contexto da Fisioterapia, onde os estudantes são desafiados a integrar teoria, prática e comportamento ético, é essencial que o processo avaliativo reconheça as **singularidades de cada trajetória**.

Estudantes acompanhados pelo **Serviço de Apoio ao Estudante (SAE)**, ou mesmo aqueles que apresentam dificuldades pontuais durante o estágio, muitas vezes demandam **estratégias diferenciadas de acompanhamento e avaliação**. Essas adaptações não significam “aliviar” os critérios, mas sim **tornar o processo mais justo**, oferecendo os meios necessários para que todos possam atingir as mesmas competências com base no **princípio da equidade**.

➤ OBJETIVO DESTA GUIA

Este guia foi elaborado para apoiar **docentes, preceptores e coordenadores** na **adaptação ética, pedagógica e técnica** do Instrumento de Avaliação do Desempenho Discente, respeitando:

- Os critérios estabelecidos pela matriz de competências do curso;
- A diversidade de perfis de estudantes em formação;
- O compromisso institucional com uma educação humanizada e inclusiva.

➤ PAPEL DO PROFESSOR NA ADAPTAÇÃO

O professor é um agente-chave na aplicação justa da avaliação. Sua sensibilidade ao contexto do estudante, aliada ao uso das rubricas e ao diálogo com o SAE, pode:

- Prevenir situações de evasão ou desmotivação;
- Fortalecer vínculos de confiança;
- Promover avanços reais no desempenho clínico, técnico e atitudinal.

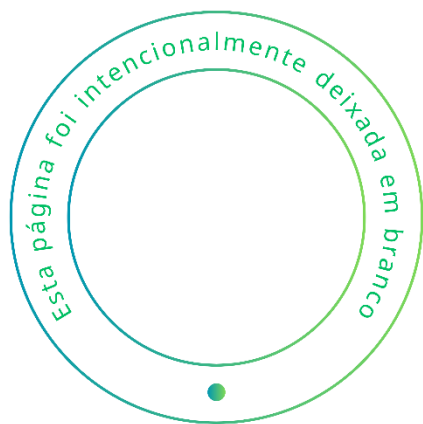
Neste guia, você encontrará **orientações práticas, exemplos reais, modelos de adaptação e estratégias de comunicação** para aplicar o instrumento avaliativo de forma sensível, responsável e tecnicamente segura.

➤ **COMO UTILIZAR ESTE MATERIAL**

Você pode:

- Consultar cada capítulo conforme a demanda observada em campo;
- Usar os anexos como base para relatórios, reuniões ou devolutivas;
- Compartilhar com colegas da equipe docente para promover uma **cultura avaliativa mais colaborativa** e alinhada.

Avaliar com justiça é reconhecer que diferentes caminhos podem levar à mesma competência.





2

PRINCÍPIOS DA PERSONALIZAÇÃO AVALIATIVA

➤ EQUIDADE NÃO É PRIVILÉGIO — É JUSTIÇA EM MOVIMENTO

Adaptar a avaliação discente não significa “aliviar” critérios ou “favorecer” estudantes com dificuldades. Significa, sim, **reconhecer que cada estudante aprende de maneira diferente** e que o papel do docente é garantir que todos tenham **condições reais de demonstrar suas competências**. A personalização da avaliação parte de três princípios fundamentais:

1. Equidade pedagógica

Todos os estudantes devem ser avaliados com base nas **mesmas competências**, mas a **forma de observação, acompanhamento e devolutiva pode (e deve) ser ajustada** quando necessário.

Exemplo: Dois estudantes devem ser avaliados quanto à empatia. Um se comunica com fluência verbal, o outro utiliza comunicação alternativa por apresentar um perfil neurodivergente. Ambos podem demonstrar empatia — mas de formas diferentes.

2. Ética e sigilo

A personalização exige **cuidado com a exposição do estudante**. Informações pessoais, laudos, encaminhamentos ou dificuldades observadas não devem ser compartilhadas fora dos canais institucionais (SAE, coordenação).

Boas práticas:

- Não mencionar diagnósticos em formulários.
- Utilizar termos como “perfil que demanda acompanhamento pedagógico diferenciado”.

- Sempre focar em **comportamentos observáveis**, e não em interpretações subjetivas.

3. Sensibilidade pedagógica

Cada estudante carrega uma história. Adaptações não são soluções prontas, mas sim **escolhas conscientes, éticas e fundamentadas**, feitas por quem observa o estudante no cotidiano.

Ser sensível é perceber quando um estudante está evoluindo dentro do seu ritmo e oferecer **o suporte necessário para que ele chegue ao nível esperado**, sem julgamentos nem estigmas.

➤ O QUE A ADAPTAÇÃO NÃO É:

- Não é passar o estudante sem critério.
- Não é criar instrumentos paralelos que desvirtuem a matriz de competências.
- Não é desconsiderar as dimensões avaliativas (conceitual, procedimental, atitudinal).
- Não é tratar o estudante com condescendência.

➤ O QUE A ADAPTAÇÃO É:

- É reconhecer o progresso individual.
- É oferecer caminhos viáveis para o estudante atingir o padrão de qualidade exigido.
- É usar o mesmo instrumento com uma **abordagem diferenciada**, empática e respeitosa.
- É **avaliar com intenção formativa**, promovendo a autonomia, a autoestima e o desenvolvimento técnico-profissional.

Docentes que avaliam com sensibilidade promovem mudanças que vão além da nota: transformam a trajetória acadêmica e humana de seus estudantes.



3

QUANDO ADAPTAR A AVALIAÇÃO

Nem todo estudante precisa de uma avaliação adaptada, mas **todo avaliador precisa saber reconhecer quando a adaptação é necessária.**

A personalização do instrumento deve ocorrer **sempre que o perfil do discente, suas condições emocionais, cognitivas ou contextuais, interferirem significativamente em sua capacidade de demonstrar as competências exigidas.**

➤ **ESTUDANTES ACOMPANHADOS PELO SAE**

São os casos mais formais, geralmente já identificados no início do semestre.

Como identificar:

- Encaminhamento oficial do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE);
- Ficha de acompanhamento pedagógico;
- Participação do estudante em reuniões de apoio institucional.

Exemplos de perfis:

- Estudantes com TDAH, TEA, dislexia ou outras neurodivergências;
- Estudantes com transtornos de ansiedade, depressão ou em crise emocional;
- Estudantes com questões psicossociais graves que impactam a rotina acadêmica.

Nesses casos, o professor deve buscar orientação junto ao SAE, ler o plano de acompanhamento (se houver) e dialogar com empatia e responsabilidade.

➤ **ESTUDANTES SEM ACOMPANHAMENTO FORMAL, MAS COM NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO**

Em muitos casos, o professor observa **comportamentos ou dificuldades recorrentes** que indicam a necessidade de uma abordagem diferenciada, mesmo sem um diagnóstico ou documento oficial.

Sinais de alerta:

- Insegurança extrema e bloqueios na execução de tarefas simples;
- Falhas frequentes de atenção ou memória;
- Evitação de situações avaliativas;
- Dificuldade em receber ou compreender *feedback*;
- Ausências pontuais com justificativas emocionais;
- Choro frequente, retraimento social ou fala de desistência.

Nestes casos, recomenda-se acolher o estudante e, se possível, sugerir encaminhamento ao SAE. **Enquanto isso, é possível adaptar a abordagem avaliativa com base na observação e no bom senso pedagógico.**

➤ **QUANDO NÃO É NECESSÁRIO ADAPTAR**

- Quando o estudante apresenta dificuldades esperadas para o seu nível de formação e já está recebendo *feedback* regular;
- Quando há resistência ao aprendizado, mas sem fatores emocionais/cognitivos associados;
- Quando o estudante compreende os critérios e recebe devolutivas, mas opta por não aplicar as orientações.

A adaptação não deve ser usada para corrigir descompromisso. Ela é uma ferramenta de apoio, não de compensação.

➤ **FLUXO SUGERIDO PARA TOMADA DE DECISÃO**

1. **Observe com atenção** o comportamento do estudante em diferentes momentos.
2. **Registre evidências concretas** (sem juízo de valor).
3. **Converse com o estudante** e verifique se há histórico de acompanhamento.
4. **Procure o SAE**, se necessário, para orientação formal.
5. **Aplique o instrumento com foco na equidade**, ajustando tempo, linguagem, forma de *feedback* ou estratégias avaliativas — **sem alterar os critérios centrais**.

Lembre-se: Reconhecer o momento certo de adaptar é sinal de maturidade pedagógica.



4

ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO POR DIMENSÃO

A estrutura do novo Instrumento de Avaliação é baseada em **três dimensões fundamentais** — Conceitual, Procedimental e Atitudinal. Cada uma delas pode ser **adaptada na forma de aplicação e observação**, mantendo os critérios e objetivos, mas respeitando as necessidades individuais dos estudantes.

Importante: A adaptação está no como avaliar, não no que avaliar.

DIMENSÃO CONCEITUAL

O que avalia: Domínio teórico, raciocínio clínico, articulação entre teoria e prática.

Desafios comuns:

- Dificuldade de verbalizar raciocínios complexos;
- Barreiras na leitura, escrita ou interpretação de textos;
- Ansiedade em avaliações orais ou escritas.

Como adaptar:

- Permitir que o estudante justifique suas condutas de forma oral, gravada ou por esquemas visuais (mapas mentais, fluxogramas);
- Oferecer tempo extra para organização de respostas;
- Evitar linguagem rebuscada nas perguntas; priorize clareza;
- Reforçar explicações com exemplos práticos e perguntas guiadas.

Exemplo: Um estudante com dislexia pode ser avaliado por meio de uma discussão oral orientada, em vez de uma atividade exclusivamente escrita.

DIMENSÃO PROCEDIMENTAL

O que avalia: Habilidades técnicas, aplicação prática de condutas fisioterapêuticas, segurança.

Desafios comuns:

- Lentidão na execução por dificuldades de atenção ou processamento;
- Insegurança motora, hesitação diante de protocolos complexos;
- Necessidade de repetição para fixação de sequências técnicas.

Como adaptar:

- Dividir tarefas complexas em etapas menores e observáveis;
- Permitir prática prévia supervisionada antes da avaliação formal;
- Registrar avanços progressivos, mesmo que parciais;
- Evitar comparar diretamente com colegas — foque no progresso individual.

Exemplo: Um estudante com TDAH pode ser avaliado por etapas (avaliação funcional → seleção de técnica → execução), com foco na execução progressiva e segura.

DIMENSÃO ATITUDINAL

O que avalia: Ética, empatia, comunicação, postura profissional, autogestão.

Desafios comuns:

- Retraimento social, dificuldade de interação com pacientes ou equipe;
- Oscilações emocionais ou comportamentais;
- Comunicação verbal limitada (em casos de TEA, por exemplo).

Como adaptar:

- Valorizar formas alternativas de comunicação (escrita, gestual, visual);
- Reforçar comportamentos positivos com *feedback* frequente;
- Contextualizar situações avaliativas (**ex:** respeitar limitações momentâneas);
- Avaliar com base no progresso ao longo do estágio, e não em um único episódio.

Exemplo: Um estudante que tem dificuldade em expor emoções pode demonstrar empatia por meio de ações práticas (atenção, cuidado, cumprimento de rotinas), e isso deve ser valorizado.

Dica transversal para todas as dimensões:

Use o campo de *feedback* qualitativo como ferramenta de adaptação.

Justifique a pontuação com foco na observação concreta, explique as estratégias utilizadas e oriente próximos passos. Isso **valoriza o esforço do estudante**, dá suporte pedagógico e **protege o professor frente a questionamentos futuros**.

Avaliar com justiça é enxergar o estudante como um todo: suas dificuldades, mas também suas possibilidades.



5

O QUE PODE E O QUE NÃO PODE SER ADAPTADO NO INSTRUMENTO

Personalizar a avaliação não significa alterar os critérios de competência exigidos, mas sim **adequar a forma de aplicação, observação e devolutiva** para garantir que cada estudante tenha condições reais de demonstrar seu desempenho.

Este capítulo esclarece **os limites éticos, pedagógicos e operacionais da adaptação**, protegendo tanto o estudante quanto o avaliador.

➤ O QUE PODE SER ADAPTADO

Elemento do Instrumento	Como pode ser adaptado
Forma de aplicação	Entrevista oral, mapa mental, gravação de vídeo, uso de recursos visuais, apoio de roteiro
Tempo de execução	Oferecer tempo estendido, aplicar em partes ou fora do ambiente coletivo
Linguagem das instruções	Utilizar frases mais simples, objetivas, com exemplos práticos
Formato do feedback	Reforçar devolutivas presenciais, com tom acolhedor, escrita acessível
Foco da observação	Valorizar o progresso individual ao invés de comparações diretas com colegas
Estratégia de avaliação prática	Dividir tarefas em etapas, permitir ensaio prévio, usar avaliação progressiva
Registro de observações	Inserir justificativas breves sobre ajustes feitos (sem mencionar diagnóstico)

Importante: Toda adaptação deve ser registrada de forma ética, objetiva e com foco no processo formativo — isso protege o estudante e o avaliador.

➤ O QUE NÃO PODE SER ADAPTADO

Elemento do Instrumento	Por que não pode ser alterado
Critérios avaliativos	Garantem a isonomia entre estudantes e estão alinhados às competências curriculares
Dimensões avaliadas (conceitual etc.)	Estruturam o instrumento e não podem ser excluídas nem substituídas

Escala de pontuação (1 a 5)	Padroniza a avaliação institucional e permite comparabilidade
Peso de cada dimensão na nota final	Faz parte da matriz de avaliação e não pode ser modificado individualmente
Registro da nota e feedback no formulário	Exigência institucional para rastreabilidade, sigilo e acompanhamento pedagógico

Atenção: Personalizar **não é flexibilizar os critérios**, mas garantir que o **estudante tenha oportunidade de ser avaliado com justiça**, considerando seu contexto.

➤ **COMO JUSTIFICAR UMA ADAPTAÇÃO NO FORMULÁRIO (SEM EXPOR O DISCENTE)**

Exemplo de texto no campo de observações:

“Adaptação realizada na forma de apresentação do raciocínio clínico (ex: mapa mental em vez de resposta oral direta), respeitando o ritmo de organização do estudante. Critérios mantidos conforme rubrica institucional.”

➤ **EM CASO DE DÚVIDA, SIGA ESTE FILTRO PRÁTICO:**

Antes de adaptar, pergunte a si mesmo:

1. Estou mantendo os critérios centrais de competência?
2. Essa adaptação ajuda o estudante a demonstrar o que sabe e pode fazer?
3. Estou registrando de forma ética, sem expor fragilidades pessoais?
4. A avaliação continua sendo justa e comparável para a instituição?

Se a resposta for “sim” para todos os itens: **a adaptação é válida e recomendada.**

O limite da adaptação é o comprometimento da qualidade. A meta é a equidade — não a exceção.



6

COMUNICAÇÃO COM O SAE E REGISTRO ÉTICO DAS ADAPTAÇÕES

Adaptar a avaliação de forma responsável exige mais do que boa vontade do professor — **requer articulação com os setores de apoio institucional, especialmente o Serviço de Apoio ao Estudante (SAE)**, e atenção aos princípios éticos que envolvem sigilo, respeito e rastreabilidade.

➤ **QUANDO ACIONAR O SAE**

A comunicação com o SAE deve ocorrer sempre que o professor:

- **Recebe um estudante já em acompanhamento formal** (com plano pedagógico ou psicopedagógico ativo);
- **Observa sinais persistentes de sofrimento emocional, dificuldade cognitiva ou social**, que impactam diretamente o desempenho;
- **Sente-se inseguro para adaptar sozinho** e precisa de suporte técnico para garantir uma intervenção adequada e ética;
- **Precisa registrar uma situação de vulnerabilidade** de forma institucional, garantindo proteção ao estudante e a si mesmo.

➤ **COMO SE COMUNICAR COM O SAE**

Boas práticas na interlocução com o SAE:

- Utilize **canais institucionais e seguros** (e-mail institucional, formulários próprios);
- **Evite expor o estudante em grupo** ou relatar informalmente por aplicativos de mensagens;
- Seja objetivo, descritivo e técnico — **evite termos diagnósticos ou julgamentos pessoais**;

- Sempre que possível, use a **Ficha de Encaminhamento ao SAE** padronizada pela instituição.

➤ O QUE REGISTRAR EM CASO DE ADAPTAÇÃO

Todo ajuste feito na aplicação do instrumento deve ser **registrado de forma breve, clara e ética**, garantindo rastreabilidade sem violar a privacidade do discente.

Exemplos de registros adequados no campo de observações:

- *“Tempo adicional concedido para organização da atividade prática, devido ao perfil de aprendizagem já identificado junto ao SAE.”*
- *“Avaliação dividida em duas etapas, para favorecer a concentração do estudante.”*
- *“Feedback reforçado por meio de devolutiva oral individual, respeitando as limitações observadas.”*

Nunca registrar:

- Termos como “estudante depressivo”, “ansioso demais”, “tem TDAH”, “não acompanha os outros”.
- Julgamentos de valor ou relatos pessoais expostos.
- Suposições sem evidência concreta.

➤ PROTEÇÃO ÉTICA E INSTITUCIONAL DO PROFESSOR

Registrar a adaptação **protege o professor** frente a possíveis questionamentos ou revisões de avaliação, e **demonstra compromisso pedagógico e institucional**.

O registro ético:

- Mostra que o professor avaliou com base em critérios e evidências;
- Documenta a preocupação com a equidade;
- Oferece subsídio para ações futuras da coordenação ou do SAE.

➤ PAPEL DA COORDENAÇÃO E DA EQUIPE DOCENTE

A coordenação do curso deve:

- Estimular a cultura da escuta e do apoio entre docentes e SAE;
- Garantir que todos conheçam os fluxos de encaminhamento;
- Apoiar os professores em situações de adaptação complexas ou sensíveis;
- Armazenar os registros de forma sigilosa e organizada.

Personalizar com responsabilidade é também cuidar da saúde institucional do processo avaliativo. A comunicação com o SAE é uma ponte — não um peso.



7

EXEMPLOS DE ADAPTAÇÃO POR PERFIL DE ESTUDANTE

Cada estudante é único — e compreender os diferentes perfis permite ao professor aplicar o instrumento avaliativo com **sensibilidade, coerência e segurança pedagógica**.

Este capítulo apresenta exemplos de **situações reais**, acompanhadas de **possibilidades de adaptação** e **orientações éticas** para a prática docente.

➤ **ESTUDANTE COM TDAH (TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE)**

Características observáveis:

- Dificuldade de manter foco por longos períodos;
- Esquecimento de etapas;
- Agitação ou ansiedade em avaliações.

Possibilidades de adaptação:

- Dividir atividades complexas em partes menores e bem delimitadas;
- Oferecer roteiro de execução (**ex:** *checklist* impresso);
- Aplicar a avaliação em ambiente com menos estímulos;
- Reforçar o *feedback* frequente, com instruções claras e diretas.

Observação no instrumento:

“Avaliação prática aplicada por etapas, com reforço de instruções escritas para organização da execução.”

➤ **ESTUDANTE COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)**

Características observáveis:

- Comunicação verbal atípica ou restrita;
- Sensibilidade sensorial ou dificuldade de contato visual;
- Preferência por rotinas e previsibilidade.

Possibilidades de adaptação:

- Permitir uso de comunicação alternativa (escrita, visual);
- Avisar previamente sobre a avaliação (evitar surpresas);
- Respeitar tempo de resposta e modos de interação diferentes;
- Avaliar empatia e cooperação com base em ações, não apenas em expressividade.

Observação no instrumento:

“Adaptação comunicacional aplicada — uso de comunicação escrita para justificar condutas. Critérios mantidos.”

➤ **ESTUDANTE EM TRATAMENTO DE SAÚDE MENTAL (EX: DEPRESSÃO, TRANSTORNOS ANSIOSOS)**

Características observáveis:

- Fadiga, baixa autoestima ou insegurança excessiva;
- Evitação de contato com pacientes;
- Oscilação de humor e rendimento.

Possibilidades de adaptação:

- Permitir tempo extra para organização das tarefas;
- Aplicar devolutivas com ênfase no progresso e acolhimento;
- Fracionar a carga de avaliação ao longo do estágio;
- Valorizar pequenas evoluções como parte do processo.

Observação no instrumento:

“Devolutiva individual aplicada com reforço de aspectos positivos. Avaliação fracionada por dimensão para melhor acompanhamento.”

- **ESTUDANTE COM DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO ORAL (NÃO DIAGNOSTICADAS)**

Características observáveis:

- Bloqueio em apresentações ou discussões clínicas;
- Respostas vagas mesmo com bom conteúdo escrito;
- Dificuldade de se posicionar perante colegas ou equipe.

Possibilidades de adaptação:

- Permitir apresentação por escrito ou gravação de vídeo;
- Avaliar conteúdo com base em prontuário ou registros clínicos;
- Estimular participação em duplas ou pequenos grupos;
- Reduzir exposição pública como forma de avaliação.

Observação no instrumento:

“Justificativas teóricas analisadas por meio de relato clínico estruturado. Avaliação baseada em conteúdo técnico registrado.”

➤ **ESTUDANTE COM HISTÓRICO DE BAIXA AUTOESTIMA OU AUTOCOBRAÇA ELEVADA**

Características observáveis:

- Recusa em aceitar elogios ou reconhecer progressos;
- Sofrimento intenso diante de *feedbacks*;
- Medo de errar ou se expor.

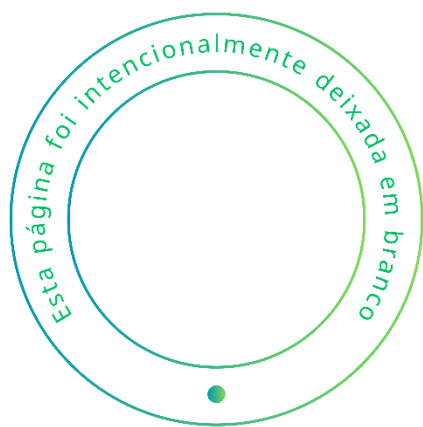
Possibilidades de adaptação:

- Usar estrutura de *feedback* EDS (Elogiar – Descrever – Sugerir) com foco em encorajamento;
- Mostrar comparativo de evolução desde o início do estágio;
- Estimular autoavaliação orientada;
- Reforçar vínculo professor-estudante nas devolutivas.

Observação no instrumento:

“Estudante demonstrou progresso desde a avaliação diagnóstica. Feedback escrito estruturado com foco em reconhecimento de avanços.”

Adaptação é uma estratégia de cuidado — e cuidado também é uma forma de ensinar.





8

***CHECKLIST* DO DOCENTE:
COMO SABER SE ESTOU
ADAPTANDO COM
JUSTIÇA**

Diante da diversidade de perfis estudantis, o professor pode se questionar:

“Será que estou sendo justo?”

“Minha adaptação está mantendo o rigor necessário?”

Esse capítulo propõe um **checklist simples e objetivo** que ajuda o docente a refletir, com segurança, se a adaptação proposta ou aplicada está dentro dos **limites éticos, pedagógicos e institucionais**.

➤ **CHECKLIST DE VALIDAÇÃO DA ADAPTAÇÃO**

Responda “Sim” ou “Não” para cada pergunta abaixo. Se a maioria for “Sim”, a adaptação é válida e recomendada.

Pergunta	Sim	Não
1. O critério de competência continua o mesmo para todos os estudantes?		
2. A adaptação que proponho visa dar condições reais de demonstração , e não facilitar a nota?		
3. Estou avaliando com base em comportamentos observáveis , e não em suposições?		
4. A estratégia de adaptação favorece o desenvolvimento do estudante ?		
5. Estou evitando termos diagnósticos ou rótulos no meu registro?		
6. A adaptação foi registrada com clareza e respeito no instrumento?		
7. Estou oferecendo devolutiva com foco em progressos, sugestões e acolhimento ?		
8. Se fosse questionado futuramente, eu teria evidências éticas e pedagógicas da minha ação ?		

Resultado:

- 7 a 8 respostas “Sim”: Adaptação pedagógica sólida e segura.
- 5 a 6 “Sim”: Reflita sobre os ajustes e consulte o SAE ou a coordenação para alinhamento.

- Abaixo de 5 “Sim”: Reavalie sua proposta. Pode haver risco de desvio ético ou pedagógico.

➤ **CHECKLIST RÁPIDO DE ADAPTAÇÃO ÉTICA**

Use essas perguntas como “gatilho” na prática diária:

- **Estou avaliando o estudante com base na sua curva de evolução ou apenas comparando com os colegas?**
- **Esse estudante está tendo as mesmas oportunidades de aprendizado, ainda que com abordagens diferentes?**
- **Minha adaptação está fundamentada na escuta, na observação e no diálogo?**
- **Se eu fosse esse estudante, me sentiria respeitado e compreendido com essa devolutiva?**

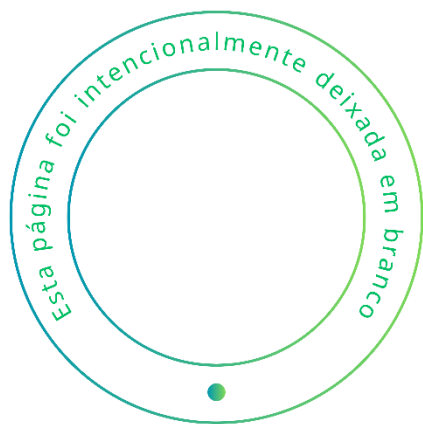
A equidade começa na empatia. Avaliar com justiça é também se colocar no lugar do outro com responsabilidade profissional.

➤ **DICA PRÁTICA PARA REUNIÕES DOCENTES**

Leve esse *checklist* para reuniões pedagógicas e use como base para discutir casos complexos com a equipe. Isso promove:

- Alinhamento ético entre avaliadores;
- Maior segurança nas tomadas de decisão;
- Registro institucional da boa prática docente.

Docente que se autoavalia com honestidade fortalece a cultura institucional da inclusão e da justiça pedagógica.





9

BOAS PRÁTICAS E DICAS RÁPIDAS

Adaptar a avaliação é uma arte que exige sensibilidade, técnica e compromisso. Pequenas atitudes cotidianas podem fazer grande diferença na experiência do estudante e na segurança do professor.

Este capítulo reúne **dicas práticas** para facilitar a personalização avaliativa com leveza, respeito e alinhamento institucional.

➤ **BOAS PRÁTICAS GERAIS NA ADAPTAÇÃO DA AVALIAÇÃO**

- **Planeje a avaliação desde o início do estágio:** conheça seus estudantes, identifique perfis que demandam atenção diferenciada.
- **Converse com o estudante com escuta ativa:** ele pode dar pistas importantes sobre como aprende melhor.
- **Utilize a versão espelho do instrumento para promover autoavaliação:** isso estimula autonomia e reflexão crítica.
- **Evite decisões isoladas em casos complexos:** consulte o SAE, a coordenação ou colegas de confiança.
- **Dê devolutivas frequentes:** não espere apenas o momento final. Pequenas correções ao longo do caminho são mais eficazes.
- **Registre adaptações e *feedbacks* com objetividade e respeito:** proteja o estudante e a si mesmo.

➤ **LINGUAGEM RECOMENDADA PARA *FEEDBACK* ADAPTADO**

Evite julgamentos. Foque em observações e sugestões.

Evite dizer	Prefira dizer
<i>"Você é inseguro."</i>	<i>"Observei que você hesitou em situações novas; vamos reforçar esse aspecto."</i>
<i>"Você tem dificuldades demais."</i>	<i>"Seu progresso tem sido gradual; estamos acompanhando essa evolução juntos."</i>
<i>"Não sabe trabalhar em equipe."</i>	<i>"Sugiro desenvolver mais sua comunicação com os colegas nas atividades em grupo."</i>
<i>"Está abaixo do esperado."</i>	<i>"Está em processo de construção. Com apoio, poderá alcançar o desempenho esperado."</i>

➤ COMO ADAPTAR SEM INFANTILIZAR

A personalização deve respeitar o estudante como adulto em formação. Evite:

- Superproteção;
- Concessões excessivas;
- Substituição de critérios.

O segredo é oferecer suporte para que o estudante se desafie dentro de um ambiente seguro.

➤ QUANDO ENVOLVER A COORDENAÇÃO

Envolva a coordenação:

- Quando perceber resistência do estudante às orientações;
- Quando houver conflito com o preceptor ou outro avaliador;
- Quando precisar legitimar adaptações em documentos formais;
- Em situações limítrofes que envolvam risco emocional ou abandono de estágio.

➤ CONSTRUINDO UMA CULTURA DE APOIO DOCENTE

Professores que compartilham experiências de adaptação:

- Reduzem o risco de decisões isoladas;
- Produzem soluções coletivas;
- Fortalecem vínculos pedagógicos;
- Tornam o ambiente mais saudável para si e para os estudantes.

Sugestão: crie um grupo de docentes para discutir boas práticas de adaptação em reuniões curtas, com foco em casos práticos e troca de estratégias.

A personalização só é eficaz quando se apoia em ética, evidência e respeito mútuo.



ANEXOS

Os anexos a seguir foram desenvolvidos como **ferramentas práticas e complementares** para auxiliar o professor na aplicação ética, contextualizada e personalizada do Instrumento de Avaliação Discente. São modelos flexíveis, que podem ser adaptados conforme o cenário e a realidade institucional.

ANEXO 1

MODELO DE REGISTRO DE ADAPTAÇÃO AVALIATIVA

Para uso no campo “observações” do formulário Google ou em relatório complementar.

Estudante apresentou dificuldades de organização na execução prática. A avaliação procedimental foi aplicada em duas etapas, com uso de *checklist* orientador previamente discutido. Critérios avaliativos mantidos conforme rubricas institucionais. Adaptação registrada e validada com apoio da coordenação/S.A.E.

ANEXO 2

ROTEIRO DE DEVOLUTIVA DIALOGADA COM ESTUDANTES COM PERFIS ESPECÍFICOS

Inspirado na estrutura “Elogiar – Descrever – Sugerir” (EDS).

1. Iniciar com acolhimento

- *"Quero conversar com você sobre sua evolução no estágio até aqui."*

2. Apontar um ponto forte

- *"Tenho observado sua dedicação com os pacientes e sua atenção ao ambiente clínico."*

3. Descrever a dificuldade de forma respeitosa

- *"Notei que você tem encontrado desafios para organizar as etapas técnicas durante o atendimento."*

4. Sugerir caminhos de melhoria

- *"Podemos usar um roteiro escrito para te apoiar. Que tal testarmos isso na próxima semana?"*

5. Finalizar com incentivo

- *"Seu esforço tem sido evidente. Vamos seguir juntos nessa construção."*

ANEXO 3

GLOSSÁRIO SIMPLIFICADO PARA *FEEDBACK* INCLUSIVO

Termo	Forma Ética e Clara de Usar
Insegurança	"Demonstra hesitação em novos procedimentos; precisa de mais treino."
Dificuldade de foco	"Apresenta distrações frequentes; estratégias de apoio estão em uso."
Comunicação alternativa	"Utiliza recursos escritos/visuais para justificar suas condutas."
Progresso individual	"Apresenta avanços consistentes em relação à sua própria trajetória."

ANEXO 4

FICHA DE ENCAMINHAMENTO AO SAE (USO RESTRITO)

Uso exclusivo dos professores supervisores e da coordenação pedagógica.

Finalidade: garantir um fluxo ético, sigiloso e padronizado para o encaminhamento de estudantes em situação de vulnerabilidade ou que

demandem estratégias pedagógicas adaptadas, conforme observado durante o estágio supervisionado.

DADOS DO ESTUDANTE

- **Nome completo:** _____
- **Curso/Semestre:** _____
- **Área/Cenário de Estágio:** _____
- **Professor responsável pelo encaminhamento:** _____
- **Data do preenchimento:** ____ / ____ / ____

MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO

- ☐ Dificuldades frequentes de aprendizagem ou raciocínio clínico
- ☐ Queixas emocionais ou comportamentais observadas
- ☐ Comunicação inadequada ou retraimento acentuado
- ☐ Relatos ou indícios de sofrimento psíquico
- ☐ Demandas relacionadas à neurodivergência (ex: TDAH, TEA)
- ☐ Ausências frequentes e dificuldades de engajamento
- ☐ Solicitação espontânea do discente
- ☐ Outros: _____

DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO OBSERVADA

(Relate de forma objetiva os comportamentos, atitudes ou situações que motivaram o encaminhamento. Evite termos diagnósticos ou juízos pessoais.)

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS REALIZADAS ANTES DO ENCAMINHAMENTO

(*Ex: conversas individuais, adaptações já aplicadas, devolutivas realizadas, acompanhamento anterior etc.*)

SUGESTÃO DE SUPORTE AO SAE

- * () Atendimento psicológico inicial
- * () Avaliação para plano de apoio pedagógico
- * () Reunião conjunta com coordenação e discente
- * () Orientações para adaptação avaliativa
- * () Acompanhamento continuado
- * () Outro: _____

☒ CIÊNCIA DO DISCENTE SOBRE O ENCAMINHAMENTO

- () O estudante foi informado sobre este encaminhamento e concorda
- () O estudante foi informado, mas não manifestou concordância explícita
- () O estudante ainda não foi informado (sugere-se que seja feito após esta ficha)

 Assinatura do Professor (responsável pelo estágio ou orientação)

Assinatura / Carimbo / Matrícula

OBSERVAÇÕES SOBRE CONFIDENCIALIDADE

Esta ficha será encaminhada **diretamente ao SAE** e tratada com total **sigilo profissional**, conforme as diretrizes éticas da instituição. Nenhum dado poderá ser compartilhado com terceiros sem o consentimento do estudante, exceto nos casos previstos por lei.

ANEXO 5 – VERSÃO ADAPTADA DA AUTOAVALIAÇÃO PARA ESTUDANTES COM DIFICULDADE DE EXPRESSÃO ORAL

Pode ser entregue no início, meio ou fim do estágio.

Autoavaliação Guiada – Foco no Comportamento e Progresso

- 1. O que você tem conseguido fazer com mais segurança no estágio?**

 *Escreva aqui:*

- 2. Qual atividade tem sido mais difícil para você?**

 *Escreva aqui:*

- 3. Você se sente à vontade para pedir ajuda ao seu professor ou preceptor?**

☐ Sim ☐ Às vezes ☐ Não

- 4. O que te ajudaria a aprender melhor?**

 *Escreva aqui:*

- 5. Como você avalia seu comportamento com colegas e pacientes?**

 *Escreva aqui:*



REFERÊNCIAS

BENITO G. A. V.; TRISTÃO K. M.; PAULA A. C. S. F.; SANTOS M. A.; ATAÍDE L. J.; LIMA R. C. D. Desenvolvimento de competências gerais durante o estágio supervisionado. Rev. Bras. Enferm. 65 (1) Fev 2012.

BERTOLINI E.; SILVEIRA A. Competências: uma ferramenta para o desenvolvimento organizacional. Revista técnica das FIPEP (Faculdades Integradas do Instituto Paulista de Ensino). São Paulo, v. 4, n. 1, p. 73-84, jan.jun. 2004.

BERTONCELLO D, PIVETTA H.M.F. Diretrizes curriculares nacionais para a graduação em fisioterapia: reflexões necessárias. Cad. Edu. Saúde e Fis. v. 2, n.4, p.71-84, 2015.

BONFIM R.A. Competência profissional: uma revisão bibliográfica. Revista Organização Sistêmica. v.1, n. 1, p. 46 -63, jan – jun 2012

BRASIL. Resolução CNE/CES 4. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Fisioterapia, Brasília: Diário Oficial da União, Seção 1, p. 11, 2002.

BRASIL. Ficha de avaliação. Brasília: Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2019. a. Disponível em: . Acesso em: 24 fev. 2023.

CAMELO S. H.H. Competência profissional do enfermeiro para atuar em Unidades de Terapia Intensiva: uma revisão integrativa Rev. Latino-Am. Enfermagem, jan.-fev. 2012

COLARES M. F. A.; TRONCON L. E.A.; FIGUEIREDO J. F.C. ; CIANFLONE A. R. C.; RODRIGUES M. L. V.; PICCINATO C. E. Construção de um instrumento para avaliação das atitudes de estudantes de medicina frente a aspectos relevantes da prática médica. Rev Bras de Educ Méd. 2002;26(3):194-203.

COLLINS J. R.; LEFFINGWELL F.L.; BELAR C. D. Teaching evidence-based practice: implications for psychology. Journal of Clinical Psychology, v. 63, n. 7, p. 657- 670, 2015.

COOK, D. A.; HATALA, R. Validation of educational assessments: a primer for simulation and beyond. Advances in Simulation, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 31, 2016. Disponível em: . Acesso em: 15 fev. 2023.

DONATONI, A.R. Avaliação escolar e formação de professores. 2ª Ed. Campinas, SP: editora Alínea, 2010. 282p.

HERNÁNDEZ-NIETO, R. Contributions To Statistical Analysis: The Coefficients of Proportional Variance, Content Validity and Kappa. Mérida: BookSurge Publishing, 2002.

LUCCHESE R, BARROS S. A constituição de competências na formação e na prática do enfermeiro em saúde mental. Rev Esc Enferm USP. v. 1, n. 43, p. 152-160, 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Metodologia científica. 8. ed. Barueri (SP): Atlas, 2022. MILLER G.E. Ensino e aprendizagem nas escolas médicas. Tradução de Maria Helena Caldas de Oliveira. São Paulo: Nacional; 1967

MIRANDA S. M. Construção de uma escala para avaliar atitudes de estudantes de medicina. Rev. bras. educ. med. 33, 2009.

MOURA NETO, L. G. de; ANTONINO, T. de S. Elaboração de um guia didático para o ensino das aulas práticas em um Centro de Usinagem Educacional. Revista Semiárido De Visu, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 512–529, 2024. DOI: 10.31416/rsdv.v12i1.426. Disponível em: <https://semiaridodevisu.ifsertaope.edu.br/index.php/rsdv/article/view/426>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OLIVEIRA K.L.; SANTOS A.A.A. Avaliação da aprendizagem na universidade. Revista Psicologia Escolar e Educacional, v. 9, n. 1, p.37-46, 2015.

PAIVA, E. D.; ZANCHETTA, M. S.; LONDOÑO, C. Inovando no pensar e no agir científico: o método de Design Thinking para a enfermagem. Escola Anna Nery, [s. l.], v. 24, n. 4, p. e20190304, 2020. Disponível em: . Acesso em: 1 mar. 2023.

PASQUALI, L. Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2010.

PEDROSA, I.; SUÁREZ-ÁLVAREZ, J.; GARCÍA-CUETO, E. Evidencias sobre la Validez de Contenido: Avances Teóricos y Métodos para su Estimación [Content Validity Evidences: Theoretical

Advances and Estimation Methods]. *Acción Psicológica*, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 3, 2014. Disponível em: . Acesso em: 6 ago. 2023.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: Avaliação de Evidências para a Prática da Enfermagem*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2019. Google-Books-ID: irZwDwAAQBAJ.

ROTH, A. D.; PILLING, S. A competence framework for the supervision of psychological therapies. 2018. Disponível em: . Acesso em: 20 out. 2020



ÍNDICE REMISSIVO

A Abordagem Diferenciada, 19 Adaptação Avaliativa, 52 Adaptação Ética, 45 Adaptação por Dimensão, 25 Adaptar sem Infantilizar, 49 Avaliação do Desempenho, 14	M Matriz de Competências, 14 Maturidade Pedagógica, 24 Modelo de Registro, 52 Modelos de Adaptação, 15
C Checklist de Validação, 44 Checklist do Docente, 43 Checklist Rápido, 45 Competências Exigidas, 22 Compromisso Institucional, 14 Condições Contextuais, 22 Cultura Avaliativa, 15	N Necessidade de Adaptação, 23
D Dica Prática, 45, 47 Dica Transversal, 28 Dificuldades Recorrentes, 23 Dimensão Atitudinal, 27 Dimensão Conceitual, 26 Dimensão Procedimental, 27	O Orientações Éticas, 38 Orientações Práticas, 15
E Educação Humanizada, 14 Estratégias de Comunicação, 15 Estratégias Diferenciadas, 14 Estudante com TDAH, 38 Estudante com TEA, 39 Ética e Sigilo, 18 Exemplos De Perfis, 22	P Papel da Coordenação, 36 Papel do Professor, 14 Perfil de Estudante, 37 Perfil do Discente, 22 Perfis de Estudantes, 14 Princípios Fundamentais, 18 Proteção ao Professor, 35
F Ficha de Encaminhamento, 53 Filtro Prático, 31 Fisioterapia, 14 Fluxo Sugerido, 24	R Registro Ético, 33 Reuniões Docentes, 45
L Limite da Adaptação, 32 Linguagem Recomendada, 48	S Sensibilidade Pedagógica, 19 Senso Pedagógico, 23 Serviço de Apoio ao Estudante, 14 Sinais de Alerta, 23

